

1

Tribo

YTSAR ESPEROU QUE O PATRIARCA ADORMECESSE E, SEM FAZER barulho, escapou do leito preparado sobre o chão, coberto por peles de animais. Com pressa para esconder sua nudez, a menina se vestiu em segundos, jogando a seguir uma manta sobre as costas antes de sair da tenda. Precisava respirar o ar da noite quente e silenciosa, cercada pelas montanhas do vale de areia dourada.

A passos rápidos, Ytsar se afastou do acampamento, enquanto sentia o olhar surpreso de Kurt, o chefe dos guardas, que fazia a ronda próximo à tenda. A escrava não deveria estar servindo o velho? Todos os membros do clã sabiam que aquela noite era a primeira da escrava que recebera uma grande missão. Era um costume antigo. A esposa legítima, incapaz de garantir a descendência do líder, colocava uma substituta jovem e fértil na cama do marido. E Ytsar, que menstruara pela primeira vez há poucas semanas, fora a escolhida. Era uma garota considerada bonita, dona de cabelos castanho-claros, quase loiros, e olhos negros como a noite sem luar. Seu corpo ainda não estava maduro, pronto para se tornar mulher, mas o patriarca precisava de um herdeiro. E rápido! Sari, a esposa de meia idade, demorara tempo demais para aceitar outra mulher na cama do marido.

Então, com as lágrimas presas pela raiva, Ytsar fora levada até o patriarca e cumprira sua parte sem resistir. O velho não fora gentil, mas também não a brutalizara. Agira de modo indiferente, como se usasse um objeto sem importância. E a avisara que a usaria novamente assim que amanhecesse. Ela deveria servi-lo todas as noites e manhãs até que uma criança fosse gerada em seu ventre. Depois, Sari retornaria para junto do marido e Ytsar à tenda que dividia com outra escrava bem mais velha do que ela, a mulher que a criara desde pequena, quando sua vida fora poupada durante o ataque do clã a uma tribo rival. O homem que a salvara pretendia tomá-la como amante assim que a menina crescesse, mas ele morreria antes.

“O que resta aos escravos senão atender todas as vontades de seus donos?” pensou Ytsar, encolhendo-se sob a manta, apesar do calor. Ainda sentia os dedos grosseiros do patriarca



sobre sua pele. Com nojo, percebeu que um líquido espesso escorria entre suas coxas, uma reação do organismo, igualmente revoltado, que devolvia a agressão que recebera.

A fúria guiou a menina até um poço de pedras. De lá, retirou um cântaro cheio d'água, ergueu a túnica até os quadris e se pôs a lavar as marcas do patriarca em seu corpo. A água retirou o líquido que sujava suas pernas, mas não eliminou a dor que lhe dominava o coração.

O orgulho de Ytsar a mandava seguir em frente. Ela ajeitou a roupa — mais uma bata folgada e escura, trançada com fios vegetais de uma planta nativa —, e se virou na direção do vento que começava a soprar do oeste. Amanheceria em poucas horas, o momento de servir o patriarca pela segunda vez.

O vento a guiou até o alto de uma plataforma de pedra, a base da maior de todas as montanhas do vale que protegiam o acampamento. A região, iluminada por uma noite estrelada, oferecia uma visão inocente e bela. A sabedoria existia nas pedras, nas estrelas, nos grãos de areia do deserto além do vale. Se um homem fecundasse uma mulher, haveria uma criança. E a criança era gerada no ventre materno até sair para o mundo. Escravos e membros do clã eram iguais apenas neste momento... Não. Na morte, as pessoas também eram iguais. Apodreciam do mesmo jeito, independente do que haviam sido durante a vida. Todos, ao nascerem, inspiravam o ar que os alimentaria até o último suspiro diante da morte. Ninguém escapava deste ciclo. Então... Por que existiam escravos? Por que as mulheres eram usadas contra a vontade? Por que não havia escolhas? Existiria liberdade?

O vento parou de repente, deixando em paz os cabelos soltos de Ytsar. Duas tranças finas, de comprimento variado, como era costume entre as mulheres de seu povo, cobriam suas orelhas, enquanto os outros fios longos e livres atingiam a cintura. As mulheres que dormiam com homens separavam uma parte do cabelo, junto à nuca, para criar uma terceira trança sobre os cabelos. Ytsar também teria de trançar a sua.

Os pés da escrava encontraram a ponta da plataforma, que descia para um abismo que a claridade da noite não atingia. Ela observou a altura que a separava do chão e se ajoelhou, à espera do vento que a tocaria novamente. E ele veio com doçura, envolvendo-a num abraço carinhoso. Uma cena irreal para o mundo violento que conhecia.

— A vida não pode ser apenas dor e sofrimento... — murmurou a garota, erguendo o olhar para as duas luas que a espiavam. Lágrimas tentavam invadir o rosto que sempre se recusaria a chorar. — A vida tem que ser mais do que isso!

Ytsar esticou os braços para frente e esperou que o vento se tornasse mais intenso. Não desejava mais pensar, não acreditava mais na esperança. Talvez devesse desistir...

“A vida tem que ser mais do que isso!”, soou um eco distante em sua mente. A garota respirou fundo e se levantou, pensando no melhor lugar para passar a noite. Retornaria à tenda do patriarca somente quando os primeiros raios do sol encontrassem o vale.



2

Reino

ALEPH ENGOLIU O CONTEÚDO DE MAIS UMA JARRA DE CERVEJA antes de a briga começar. O primeiro soco arrebentou o nariz do sujeito grandalhão que o ofendera. Aliás, qual havia sido mesmo a ofensa? O cérebro do rapaz não teve tempo de lembrar. Alguém, junto ao balcão, o esmurrou, talvez algum amigo do tal grandalhão. Aleph reagiu como sempre, chutando, distribuindo socos, destruindo tudo o que tocava. E a briga cresceu e se alastrou para cada canto da estalagem apinhada de gente.

Foi quando uma das prostitutas gritou mais alto do que a barulheira infernal. Aleph não entendeu as palavras, embriagado demais para ouvir qualquer coisa.

— Vocês estão lutando contra um grela! — repetiu a mulher, diante dos olhares atônitos que conquistara.

O metal frio que Aleph apertava entre os dedos o alertou sobre o que acontecia. Sem perceber, tirara a espada da bainha que a capa de viagem, imensa, ocultava. Não chegou a usar a arma. Cambaleou, com dificuldade para se manter em pé. Ninguém mais o atacava. Ninguém do povo ousaria atacar um soldado.

— Perdoe-nos, senhor... — pediu o grandalhão, ainda segurando o nariz quebrado e cheio de sangue.

Num gesto lento e cansado, Aleph voltou a esconder a espada. O excesso de álcool fazia sua mente girar de forma assustadora. Ele se esforçou para manter os olhos azuis bem abertos e, sem idéia do próximo passo, apenas tomou a direção da porta. Em segundos, estava na noite gelada de inverno. Deu um encontrão num velho que, como todos os homens das redondezas, buscava o calor e a animação da estalagem, um dos poucos lugares onde se encontrava um momento de alegria naquele reino maldito.

— Ei, menino, olha por onde anda! — irritou-se o velho.

E o menino continuou a andar, sem olhar para trás. O velho estava certo. Reprendera um menino de quase 15 anos, desses que cresciam demais e amadureciam muito rápido.



Um menino ruivo e grande, forte e bom de briga o suficiente para sair ileso da maior parte das confusões em que se metia.

A estalagem, afastada do vilarejo mais próximo, também recebia os viajantes que percorriam o reino numa corrida contra a chegada de nevascas, o que impossibilitaria qualquer viagem. Todos os negócios deveriam ser resolvidos antes que tudo fosse coberto por camadas de gelo. E aquela época, o final de um ciclo de terror que arrancara a vida de grelas valiosos, prometia esperança a quem sobrevivera. Goliah, o tirano, acenava com anistia para os rebeldes derrotados.

Trôpego, Aleph caminhou pela estrada enlameada por quase dois quilômetros até desviar rumo a uma das inúmeras praias que limitavam a região. A escuridão da noite cedera espaço ao céu luminoso, coberto por milhares de estrelas. Ao descer uma colina e pisar a areia fofa e suave, o rapaz se curvou. O vômito o fez estremecer. A vida doía demais para quem cremara o cadáver do pai apenas um dia antes.

Quando o estômago se acalmou, os pés retomaram a caminhada. Aleph parou assim que encontrou o mar. Ele caiu de joelhos, à espera da primeira onda que o tocaria. E a espuma veio com doçura, envolvendo-o num abraço carinhoso. Uma cena irreal para o mundo violento que conhecia.

— A vida não pode ser apenas dor e sofrimento... — murmurou o rapaz, erguendo o olhar para a lua cheia que o espiava. Lágrimas marcavam um rosto ainda sem barba. — A vida tem que ser mais do que isso!

Aleph esticou os braços para frente e recebeu a nova onda que substituíra a anterior. Não desejava mais pensar, não acreditava mais na esperança. Talvez devesse desistir...

“A vida tem que ser mais do que isso!”, soou um eco distante em sua mente. O rapaz respirou fundo e se levantou, pensando no melhor lugar para passar a noite. Não pretendia voltar à estalagem.

